

RIGO, V. F. Do projeto semiológico de Saussure à semiologia de Barthes: o ensaio de um deslocamento. *ReVEL*, v. 23, n. 45, 2025. [www.revel.inf.br].

DO PROJETO SEMIOLÓGICO DE SAUSSURE À SEMIOLOGIA DE BARTHES: O ENSAIO DE UM DESLOCAMENTO

*From Saussure's semiological project to Barthes' semiology:
the essay of a displacement*

Vinícius Festa Rigo¹

vinifrigo@hotmail.com

RESUMO: Este ensaio propõe refletir sobre as noções de semiologia de Ferdinand de Saussure e de Roland Barthes. Para isso, em um primeiro momento, retomo o projeto semiológico esboçado no *Curso de Linguística Geral* e a definição de semiologia postulada por Saussure: *a ciência que estuda os signos no seio da vida social*; uma ciência prospectada, da qual a linguística não seria senão uma parte. Em seguida, trato da inversão proposta por Barthes, reposicionar a semiologia como parte da linguística – tendo esta como modelo metodológico para aquela –, e da execução do projeto semiológico saussuriano. Por fim, o foco recai sobre a mutabilidade da teoria barthesiana, com ênfase naquilo que há de constante em sua obra semiológica: o desejo. Esse desejo se manifesta na busca pelo sentido que escapa às evidências, na semiologia que é reformulada, que transita entre a estrutura e o impasse, entre o rigor analítico e a experiência. Em Barthes, o que há de transversal é o saber que dá lugar à *Sapientia*.

PALAVRAS-CHAVE: Semiologia; Roland Barthes; Saussure; *Sapientia*.

ABSTRACT: This essay proposes a reflection on the foundations and developments of semiology, based on the trajectory between Ferdinand de Saussure and Roland Barthes. This discussion starts by revisiting the semiological project outlined in the *Course in General Linguistics* and the definition of semiology proposed by Saussure: the science that studies signs within social life – a projected science, of which linguistics would be but one part. Then, the discussion is about the inversion proposed by Barthes, repositioning semiology as part of linguistics – with the latter serving as the methodological model for the former – and the execution of Saussure's semiological project. Finally, the focus turns to the mutability of Barthes' theoretical path, with emphasis on what remains constant in his work: the desire. This desire is expressed in the search for meaning that escapes what is evident, in a semiology that is continuously reformulated, moving between structure and impasse, between analytical rigor and lived experience. In Barthes, what remains is a kind of knowledge that leads to *Sapientia*.

KEYWORDS: Semiology; Roland Barthes; Saussure; *Sapientia*.

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLET-UFRGS), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Magali Lopes Endruweit na área de Estudos da Linguagem – Linguística Aplicada.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Propor uma reflexão sobre a semiologia me parece ser, inevitavelmente, propor uma reflexão sobre as ideias de Ferdinand de Saussure e de Roland Barthes.

No *Curso de Linguística Geral*², publicado em 1916 a partir das aulas ministradas por Saussure, encontramos pela primeira vez uma definição de semiologia: a ciência dos signos. Contudo, se é Saussure quem dá à semiologia uma definição, é Barthes quem faz com que os estudos semiológicos alcem voos.

Partindo desse pressuposto, neste ensaio, busco traçar um breve panorama do conceito de semiologia tal como proposto por Saussure e ir ao encontro da semiologia barthesiana. O objetivo principal é buscar, nesse percurso, convergências e divergências entre o pensamento de Saussure e de Barthes, a fim de hipotetizar sobre possíveis deslocamentos.

Para dar início a esse percurso, tratemos, em um primeiro momento, do projeto semiológico de Saussure.

1. O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL – A LINGUÍSTICA DE SAUSSURE

A publicação do *Curso de Linguística Geral* em 1916 é uma virada nos estudos da linguística. Mesmo que haja polêmicas em torno do conteúdo do *Curso*, por não ser propriamente da autoria de Ferdinand de Saussure, mas sim uma obra de punho alheio, redigida a partir das notas tomadas por alguns alunos que assistiram às aulas dos cursos que Saussure ministrou na Escola de Genebra e que foram, posteriormente, compiladas e editadas por Charles Bally e Albert Sechehaye, o marco da publicação do CLG foi tamanho que nos cursos de Letras, hoje, é comum que tratemos dos estudos linguísticos divididos em pré saussurianos e pós saussurianos.³

A publicação do CLG marca uma mudança no modo de se fazer linguística. Se antes a linguística era, principalmente, comparatista, se baseando em contrastes, histórias, semelhanças e diferenças entre línguas para reconstituir famílias

² Para tratar do *Curso de Linguística Geral*, ora será utilizado o nome inteiro, ora a abreviação, CLG, e ora apenas *Curso*.

³ Para uma discussão aprofundada da complexidade em torno da gênese do livro atribuído a Saussure, conferir o capítulo “A gênese da obra de linguística geral de Saussure”, em *A linguística geral de Ferdinand de Saussure* (Flores 2023: 53-66).

linguísticas e ir em busca de uma protolíngua – a língua que teria originado todas as outras –, o surgimento do *Curso* representa um corte epistemológico, um corte da temporalidade nos estudos linguísticos: a linguística deve ser, agora, feita na sincronia.

Há, ainda, outro recorte metodológico feito por Saussure para delimitar o campo de estudo: a linguística é a ciência que estuda a língua. Saem do palco dos estudos saussurianos a linguagem – pois essa é heterogênea – e a fala – pois é individual. Em contrapartida, a língua, que é coletiva e que se constitui em um sistema de signos, pode ser estudada separadamente, uma vez que, delimitada, “é um objeto de natureza concreta”, e se comporta como um objeto “homogêneo” (Saussure 2012: 46).

Em seu recorte, Saussure delimita o objeto de estudo da linguística e o seu método: a linguística estuda a língua na sua sincronia. Para isso, define língua como “um sistema de signos que exprimem ideias”, comparável com outros sistemas – como a escrita, os ritos simbólicos, os sinais militares etc. (Saussure 2012: 47).

2. O PROJETO SEMIOLÓGICO DE SAUSSURE

Ao definir a noção de língua e traçar um paralelo de comparação da linguística com outros sistemas de signos, surge, pela primeira vez, uma menção à semiologia no CLG. Na seção intitulada de “Lugar da língua nos fatos humanos”, que carrega como subtítulo “A semiologia”, lemos:

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *sēmeion*, “*signo*”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral, as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (Saussure 2012: 47-48).

Saussure define a semiologia como a ciência que estuda os signos no seio da vida social. Essa ciência, porém, ainda seria inexistente, e surgiria somente como parte da Psicologia Geral; a semiologia é, aqui, um campo do saber projetado, do qual a linguística não seria mais do que apenas uma parte constituinte. Caberia “ao

psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia; a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto de fatos semiológicos” (Saussure 2012: 48).

Embora haja menção à singularidade do estudo da língua – *um sistema especial no conjunto* – é notável, a partir desse trecho do CLG, que, para Saussure, a semiologia parece ser muito maior do que a linguística. Essa ideia se torna evidente quando há menção à ideia de que a linguística só teria lugar entre as ciências por sua relação com a semiologia, não por suas singularidades. Em paráfrase à citação trazida acima, são as leis que o estudo dos signos na sociedade propuser que serão aplicáveis ao estudo da língua, e é isso que vinculará a linguística a um domínio preciso (Saussure 2012: 48).

No *Curso*, segue-se o restante do capítulo dedicado à classificação da semiologia trazendo o motivo pelo qual a linguística não consegue, sozinha, se estabelecer como uma ciência autônoma⁴: até o momento dos cursos ministrados por Saussure, a língua não era estudada por si só. Os estudos linguísticos sempre se davam em função de outros elementos; sobre esses, há dois citados: a ideia de que a língua é uma nomenclatura e sua abordagem psicológica. De acordo com o CLG, essas abordagens se tornam redutoras, uma vez que a ideia popularizada do caráter nomenclatural da língua faz com que se excluam as reflexões sobre sua verdadeira natureza, e uma abordagem psicologizante “estuda o mecanismo do signo no indivíduo”, ou seja, sua execução individual (Saussure 2012: 48).

Por sempre se olhar para a língua por outro ponto de vista, nenhum, até então, chegara a atingir “o signo, que é social por sua natureza”. Quando se atinge algo de social no signo, o foco recai apenas sobre as questões que dependem das vontades dos sujeitos – como o que vincula a língua a outras instituições –, negligenciando as características que são intrínsecas aos sistemas semiológicos (Saussure 2012: 48). A partir do apontado no CLG, penso que pode ser produtivo estabelecer uma relação com o recorte estruturalista: a busca pela estrutura.

⁴ Sabemos, no entanto, que a publicação do Curso de Linguística Geral marca o nascimento da Linguística como ciência. O modelo linguístico de Saussure seria, posteriormente, utilizado como ciência piloto para o estruturalismo francês (Dosse 2018a).

A inquietação trazida no CLG parece ser similar à inquietude dos principais teóricos da corrente estruturalista⁵: buscar o intrínseco ao objeto, sem estabelecer relações com as vontades e atitudes dos sujeitos ou com a história (Dosse 2018a). Essa parece ser a mesma dificuldade, apontada por Saussure, que a linguística enfrentava em se estabelecer como uma ciência autônoma; o estudo da língua *per se*, sem dar atenção ao seu aspecto psicológico, histórico ou social, ainda não fora feito. Em outras palavras – e relacionando ao movimento estruturalista – a estrutura do signo ainda não foi explorada.

Adiante no projeto semiológico, há outro ponto que merece destaque: para Saussure (2012: 48), “o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial”. A partir desse trecho, penso em dois pontos de vista que podem, ou não, ser complementares:

1. A expressão de que “o signo escapa sempre” remete à ideia de que a estrutura do signo, que seria seu caráter essencial, é sempre esquecida enquanto se estudam as outras questões que permeiam o signo – o sujeito, o meio e a história.
2. A ideia de que a estrutura do signo é condicionada e definida pelo meio social e pelos sujeitos, ao mesmo tempo em que ela os define.

Parece haver, aqui, um movimento duplo: o signo age no sujeito à medida que o sujeito age no signo. Isto é, a vivência dos sujeitos na sociedade condiciona o signo, pois é o que o estrutura, é o que constrói seus laços, é o social que faz com que o signo signifique – o caráter social da língua. Ao mesmo tempo, os signos da vida social – e aqui podemos pensar não somente nos signos linguísticos, mas de todos os sistemas semiológicos – condicionam os sujeitos porque são estruturantes do meio em que eles vivem.

Pensemos em uma analogia com um quadro que está sendo pintado: ao mesmo tempo em que a tela é transformada pelo pincel conforme ganha novos

⁵ Movimento intelectual, frutífero principalmente na França, em que se há o desejo de romper com a historicidade dos objetos e com a concepção filosófica de sujeito para conferir estatuto científico às ciências humanas. Para uma discussão aprofundada sobre o período estruturalista e sua influência nas mais diversas áreas do conhecimento, conferir História do estruturalismo – volumes 1 e 2, de François Dosse (2018a; 2018b).

traços, contornos e cores, ela transforma a quem o está pintando. Nessa equação, podemos pensar no pincel como o elemento central: o sujeito age no pincel, o pincel age no quadro, o quadro age no sujeito. De maneira análoga, o sujeito age na sociedade, a sociedade age no (estrutura o) signo, e os signos agem nos (estruturam os) sujeitos. Assim, o movimento do signo parece ser, de certo modo, circular, com a sociedade sendo sua condição de existência.

Indo em direção ao final do capítulo do CLG aqui abordado, há um trecho sobre o estudo da semiologia que traz a ideia de que, como o signo não é visível, e só se manifesta mais fortemente nas coisas menos estudadas, uma ciência semiológica pareceria de pouca necessidade ou utilidade. O capítulo dedicado à *ciência que estuda os signos no seio da vida social* finaliza com a esperança de que, no futuro, a semiologia esclareça as questões e os problemas da linguística – bem como de outros signos, tais como os mitos, os ritos, os costumes etc. – pelas leis da ciência (Saussure 2012: 49).

Sabemos, no entanto, que na verdade se fez o contrário: foi a linguística que esclareceu a semiologia. Como aponta Beividas (2016: 38) em seu estudo sobre a semiologia saussuriana:

nenhuma Psicologia de porte a adotou [a semiologia], tendo sido acolhida apenas e basicamente pelo campo linguístico, como semiologia *sígnica* e *comunicacional*, que se desenhou nos anos 50 e 60 do primeiro século da linguística saussuriana – por R. Barthes, G. Mounin, P. Guiraud, E. Buyssens, L. Prieto, entre outros.

Contrário ao que Saussure acreditava, a psicologia não foi a responsável por desenvolver os estudos semiológicos, mas sim o campo da linguística – a qual não se acreditava ser senão uma de suas partes constituintes.

3. UMA INVERSÃO ANUNCIADA

“Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* [...]. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral [...].”
(Ferdinand de Saussure)

“É preciso, em suma, admitir desde agora a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a Lingüística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Lingüística [...]”
(Roland Barthes)

As epígrafes acima apontam para uma divergência de pensamento sobre o estudo da vida dos signos. Se para Ferdinand de Saussure a semiologia é uma ciência a ser executada num programa futuro, para além das competências da linguística, para Roland Barthes a semiologia não pode ser senão uma ciência anexa à linguística.

A divergência aqui é evidente: enquanto Saussure confere à linguística um papel secundário na semiologia, Barthes a dá protagonismo. Para o semiólogo, o estudo da vida dos signos só se torna possível a partir do modelo e do método linguístico, e é por isso que a linguística não poderia ser uma parte da semiologia: é uma relação de dependência constitutiva, esta só se torna possível a partir daquela.

Barthes inverte a proposição saussuriana na crista da onda do estruturalismo – ou, nas palavras de François Dosse (2018a), na “idade de ouro das ciências sociais” –, no qual o *Curso de Linguística Geral* estava sendo usados como modelo para o campo das ciências humanas. Nesse período, a linguística saussuriana⁶ desempenha “a função de ciência-piloto que orienta os passos de aquisição científica para as ciências sociais em geral” (Dosse 2018a: 26), funcionando como um modelo teórico e metodológico para as mais diversas áreas: antropologia, sociologia, psicanálise e, também, para a semiologia.

Revirar a proposição de Saussure é o que faz com que Roland Barthes consiga conferir o grau de rigor metodológico necessário para que a semiologia se institua no campo das ciências humanas. Vejamos, então, como se deu a execução do projeto semiológico.

⁶ Sabemos, hoje em dia, que algumas discussões contemporâneas contestam a leitura que o estruturalismo fez do *Curso de Linguística Geral*. Talvez, utilizar linguística saussuriana, aqui, pareça equivocado, mas, para a reflexão deste texto trataremos da leitura estruturalista do *Curso*, considerando seu impacto e influência no período.

4. A SEMIOLOGIA BARTHESIANA

Tratar de semiologia é, invariavelmente, tratar do nome e da obra de Roland Barthes. Se é em Saussure que encontramos as bases constituintes da *ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social*, é em Barthes que o programa semiológico alçará voos.

Como observado na seção anterior a partir das epígrafes e como aponta Éric Marty (2009: 141-142),

a história hoje é bem conhecida, a tal ponto que se tornou legendaria: enquanto no programa saussureano a linguística deveria ser apenas um ramo da semiologia, cuja realização estava projetada no futuro, Barthes realiza o programa saussureano de maneira inversa: para estar fundada, a semiologia deve ser um ramo da linguística e o signo linguístico deve ser o modelo epistemológico que permite a compreensão de qualquer mensagem.

É com a inversão barthesiana que a semiologia pode, enfim, encontrar o seu lugar e se firmar como ciência. Essa, por sua vez, se situa não mais no futuro, como no programa saussuriano; Barthes (2006) a situará em um “futuro anterior”: uma ciência ainda em construção, com bases a ser mais bem definidas para poder lidar com a diversidade dos signos, mas que já começa a se desenvolver. Essa nova ciência começa a aparecer mais fortemente no período estruturalista, e é também nessa época que Barthes se firmará como semiólogo.

O contato com o *Curso de linguística geral* e com a teoria de Saussure fará, de acordo com Calvet (1993), com que Barthes ingresse na linguística como se ingressa em uma religião. É dela que ele irá importar o modelo e o método para construir as bases das análises semiológicas, uma vez que, como aponta Barthes (2006: 12):

parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos cujos significados possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem.

Em virtude disso, dessa condição de dependência da língua a qual os sistemas são submetidos, é partindo de Saussure que Barthes irá propor uma sistematização inicial da semiologia.

Em seu *Elementos de semiologia*, para tratar dos modos de significação dos sistemas semiológicos, Barthes (2006) se inspira diretamente nas formulações saussureanas, repensando como os conceitos linguísticos poderiam ser aplicados a outros sistemas de signos para além da língua. Assim, Barthes (2006) retoma os conceitos de língua e fala, significado e significante, sintagma e sistema, denotação e conotação, com a preocupação de oferecer um modelo conceitual que possibilite compreender os mais diversos fenômenos culturais – os signos da cultura.

É importante destacar aqui que a preocupação barthesiana com esse texto não é a de descrever signos isolados, mas sim estabelecer um quadro metodológico para a semiologia se firmar como a ciência. Ao propor uma aplicação dos conceitos de Saussure aos demais sistemas sógnicos, a semiologia de Barthes parece executar o que estava previsto no programa saussuriano: olhar para o caráter essencial do signo, para sua estrutura, para o que lhe é constitutivo.

No entanto, como aponta François Dosse (2018a), críticas serão feitas à acepção de signo utilizada por Barthes. O semiólogo será questionado por propor uma expansão do viés saussuriano – que tratou apenas do signo linguístico no CLG – para uma compreensão mais ampla, a de que o signo é tudo que reveste uma significação: “o império dos signos prolonga-se nele em império dos sentidos” (Dosse 2018a: 126). Tratem-se disso.

Se pensamos que Roland Barthes parte das ideias saussurianas, podemos dizer que há, de fato, uma expansão na noção de signo, pois o objeto das análises semiológicas barthesianas será variável. Para além do signo linguístico, Barthes tratará como signo o mito, o discurso, a fotografia, a moda, o teatro, a imagem, a comida, a política, os monumentos e os demais elementos que compõem a cultura. Ele transitará por diversos campos de significação, e é esse transitar que fará com que a obra de Barthes seja robusta e diversa, tendo, hoje, mais de 30 livros publicados – alguns em vida e outros com textos compilados após sua morte. Como representativos da diversidade da obra de Barthes, destaco aqui: *Mitologias* (2001); *Sistema da moda* (2009); *A câmara clara* (2022); *Escritos sobre teatro* (2007); *La Tour Eiffel* (2024); *Inéditos Vol. 1-4* (2004a, 2004b, 2005a, 2005b), e *A aventura semiológica* (2001) – talvez o mais representativo da diversidade das análises de Barthes, pela amplitude dos objetos de cada um dos textos.

No entanto, embora possamos tratar de um possível alargamento do conceito de signo, uma vez que excede o campo linguístico, a possibilidade de noção ampliada parece já estar presente no pensamento de Saussure (2012: 49): “considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia”. Podemos pensar, a partir disso, que Barthes não prolonga a noção de signo, ele apenas executa um plano já projetado por Saussure.

Saindo do campo puramente linguístico, Barthes dá à noção de signo mais visibilidade. Ao colocar como objeto de análise do modelo linguístico os itens que estão no cotidiano da vida social da França – o jornal, a batata frita, a Torre Eiffel, o vestuário, o teatro etc. –, se faz com que o êxito desse modelo analítico fique sob os holofotes da *intelligentsia* francesa, fazendo com que a linguística, ao contrário do que pensava Saussure, ganhe o papel de ciência-piloto do estruturalismo (Dosse 2018: 133). Penso que essa visibilidade que o signo tem com Roland Barthes possa ser um dos motivos pelos quais Dosse (2018) irá o classificar como *a figura mãe do estruturalismo*. O semiólogo dará holofotes ao que está no dia a dia de todos, fazendo com que a ciência se aproxime mais da realidade – uma vez que será aquela a responsável por esmiuçar esta.

A semiologia proposta por Barthes o tornará, segundo Marty (2009), um estruturalista fecundo e eficaz. Ele se vale do movimento para executar o programa semiológico saussuriano, evidenciando o caráter dessa ciência geral dos signos aos moldes da época: encontrar sentido onde antes nada havia⁷.

Talvez, na semiologia barthesiana, esta seja a ideia central: *encontrar sentido*. Não encontrar *o sentido*, pois, alinhado ao paradigma estruturalista, perguntar-se sobre qual o sentido é esbarrar por caminhos espinhosos que fogem ao proposto pelo movimento; então, para dar lugar à semiologia e a instituir como ciência, Barthes delineia um modelo de análise, calcado no modelo linguístico, que permite encontrar *algum* sentido nos signos.

Para entender como se estruturam os signos no seio da vida social, Barthes recorre à linguagem, pois é somente nela e através dela que podemos encontrar a vida

⁷ Faço aqui uma paráfrase ao que Beividas (2016, p. 39) afirma sobre a semiologia saussureana: “a Semiologia de Saussure tem o propósito de estipular para todo tipo de linguagem – a ser progressivamente estendida a todo tipo de percepção, ação, sensação e cognição humanas –, a *geração do sentido* onde antes *nada havia*”.

social. Com o modelo barthesiano, os signos da sociedade já não escapam mais: são passíveis de análise, podem ser esmiuçados para se tentar compreender sua estrutura e atestar a via circular do signo – a ideia de que os sujeitos moldam os signos ao mesmo tempo em que são moldados por eles.

Porém, se o semiólogo é uma figura extremamente importante do movimento estruturalista, é também importante notar sua postura diante dele.

5. BARTHES E SEUS DESLOCAMENTOS: DA ESTRUTURA À CIÊNCIA DO INCERTO – O SABER COM SABOR

Roland Barthes foi, de fato, um teórico extremamente importante do estruturalismo; contudo, como aponta Marty (2009, p. 148), ele “entendeu desde logo o caráter fictício do estruturalismo”. Barthes sabia que o estruturalismo se tratava de um método de reconstituição, um método para compreender as regras e o funcionamento de um objeto (Barthes 2003), mas que não haveria como abolir, de fato, o sujeito e a história dos signos analisados. Essa ideia já estava presente em seu *Elementos de semiologia*, publicado pela primeira vez em 1964, no qual Barthes aponta que a depender do momento e do semiólogo que fizer a análise dos objetos, os resultados encontrados serão diferentes.

Ainda a respeito dessa postura de Barthes, além de ter consciência da ficcionalidade do movimento, ele também já previa, em *La actividad estructuralista*, a morte do período: “sem dúvida, ao homem estruturalista pouco importa a durabilidade: ele sabe que o estruturalismo é uma determinada forma de mundo que mudará com o mundo” (Barthes 2003: 301, tradução minha)⁸. Talvez tenha sido por essa consciência que Marty (2009: 156) dirá que “Barthes foi um estruturalista feliz”; talvez seja por isso que Barthes não tenha tido medo de desconstruir as ideias que postulou, de reformulá-las e de se contradizer, de apostar no incerto, no instável.

Um exemplo dessa incerteza é o próprio conceito de semiologia. Se, em um primeiro momento, filiado ao estruturalismo, Barthes calca os estudos semiológicos aos moldes da linguística, depois ele dirá que suas análises foram um delírio

⁸ No original: “sin duda al hombre estructural el importa poco el durar: sabe que el estructuralismo es también una determinada forma del mundo, que cambiará con el mundo”.

cientificista. Com a publicação de *O prazer do texto*, em 1973, há, como aponta Leyla Perrone-Moisés (2010), uma

verdadeira ruptura de Barthes com o projeto semiológico anterior, chamado por ele, mais tarde, de “delírio científico”. Da mesma forma em *S/Z*, de 1970, ele rompera com a “análise estrutural das narrativas”, defendida por ele mesmo em plena euforia semiológica, e propusera um novo tipo de análise, mais fina e mais aberta à história cultural do que as análises mecânicas e pretensamente universais da fase estruturalista.

A incerteza e a desconfiança serão umas das marcas mais características de Barthes, fazendo com que, inclusive, se apresente em sua aula inaugural no *Collège de France* como um “sujeito incerto” (Barthes 2013: 7), desconfiado, que reformula e abandona seus posicionamentos.

Após a derrocada do estruturalismo, o semiólogo deixará de lado a busca pelas estruturas dos signos e se dedicará, principalmente, ao extremo oposto da estrutura: ao fragmento, ao discurso amoroso, ao neutro – os lugares nos quais o sujeito se mostra e se esconde na mesma medida. Nessa mudança, veremos Barthes se aventurar mais do que nunca pelas incertezas, e são elas que irão categorizar diferentes fases de seu pensamento semiológico. Ao longo do tempo, o pensamento barthesiano parece se afastar cada vez mais do estruturalismo – a primeira fase de sua semiologia –, ir em direção a uma perspectiva que leva em consideração o sujeito – a segunda, a fase da experiência, marcada pelo prazer, uma semiologia corporificada –, e chegar cada vez mais próximo do neutro, da incerteza – que podemos chamar de terceira fase semiológica. Assim, “a teoria barthesiana é, portanto, uma teoria mutante, que evolui e se transforma ao longo dos anos” (Perrone-Moisés 2010).

Tendo Barthes sido quem foi, com a mutabilidade de sua teoria, não são poucas as definições dadas a ele e a seus trabalhos. Bocca (2003), por exemplo, o chamará de “semiólogo nômade”, e Silva (2005), ao tratar de semiologia, dirá que Barthes tem uma “semiologia do impasse” – afinal, ele mesmo se apresentava como um sujeito incerto, “imediatamente combatido pelo seu contrário” (Barthes 2013: 7).

No entanto, embora a teoria de Barthes seja mutável, é interessante pensar no que há de constante em sua obra e em seu pensamento. Mesmo tendo derrubado, reformulado e esmigalhado muitos dos conceitos usados ao longo de sua obra,

inclusive – e talvez principalmente – o de semiologia, algo, na obra de Barthes, parece sempre estar no plano de fundo: o desejo.

O desejo do sujeito que questiona, que não se contenta com o que está à vista, que procura esmiuçar e analisar. Em paráfrase à célebre citação de Benveniste (2020: 281) – linguista de quem Barthes muito gostava, dedicando dois de seus textos especialmente a ele⁹ –, Barthes é um teórico que pede à evidência que se justifique, que desestabiliza os sentidos que estão em primeiro plano e busca pelo que não se vê.

Os assuntos e as temáticas na obra barthesiana sempre parecem convergir para esse mesmo ponto após analisados: sempre dizem algo ou evidenciam alguma coisa que escapava a um primeiro olhar. E, também, sempre dizem algo da inquietude de quem olha para o objeto – algo do desejo, algo do prazer.

Como aponta Leyla Perrone-Moisés (2010), prazer talvez seja a palavra que

explique a adesão de sucessivas gerações de leitores a seus textos, para além das modas teóricas e ideológicas. Porque o prazer do texto, em Barthes, nunca é mero diletantismo, mas a experiência cognitiva dos mais diversos objetos culturais, corporificada numa linguagem sensível, marcada pelo humor e pelo afeto

Seja o sujeito neutro, o do discurso amoroso, o do texto, o da escritura ou o sujeito que molda os signos na mesma medida em que é moldado por eles, sempre há, no trabalho de Barthes, prazer. Ao final de sua aula inaugural no *Collège de France*, Barthes diz que é tempo de uma nova experiência para com o saber, que tem um nome ilustre e fora de moda: “*Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível” (Barthes 2013: 49)

O desejo, o prazer e o sabor permeiam a vida, a teoria e a obra de Roland Barthes. Talvez esta seja a maior constância da produção barthesiana, bem como de toda sua semiologia: a *Sapientia*.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

⁹ Os textos foram compilados na obra *O rumor da língua* (2004), em um capítulo intitulado “Por que gosto de Benveniste”. Os textos foram escritos, respectivamente, em 1966 e 1974, em virtude da publicação dos *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II* de Émile Benveniste.

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BARTHES, Roland. *Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARTHES, Roland. *Inéditos vol. 1 – Teoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- BARTHES, Roland. *Inéditos vol. 2 – Crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- BARTHES, Roland. *Inéditos vol. 3 – Imagem e moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- BARTHES, Roland. *Inéditos vol. 4 – Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- BARTHES, Roland. La actividad estructuralista. 1963. In: BARTHES, Roland. *Ensayos críticos*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003.
- BARTHES, Roland. *La Tour Eiffel*. Paris: Éditions Points, 2024.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. 1974. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 207-213.
- BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BEIVIDAS, Waldir. A semiologia de Saussure como epistemologia do conhecimento. *RELIN*, v. 24, n. 1, 2016.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 281-289.
- BOCCA, Francisco Verardi. Roland Barthes: um semiólogo nômade. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 15, n. 17, p. 11-27, 2003.
- CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes: uma biografia*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo vol. I – O campo do signo, 1945-1966*. São Paulo: Editora Unesp, 2018a.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo vol. II – O canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. São Paulo: Editora Unesp, 2018b.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- MARTY, Éric. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

PERRONE- MOISÉS, Leyla. Roland Barthes e o prazer da palavra. *Revista CULT*, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/roland-barthes-e-o-prazer-da-palavra/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. Lição crítica: Roland Barthes e a semiologia do impasse. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 65-78, jun. 2005.